

# **ECOFILOSOFIA: FILOSOFIA UBUNTU E SABERES DE MINORIA FACE AO ENFRENTAMENTO DA CRISE AMBIENTAL NA CONTEMPORANEIDADE<sup>1</sup>**

**José Mendes<sup>2</sup>**

## **RESUMO**

O trabalho tem por objetivo compreender de que maneira a ecofilosofia, filosofia Ubuntu e saberes de grupos minoritários podem-nos auxiliar na resolução de atuais crises ambientais. Com efeito, observa-se que o desmatamento ambiental e a desequilibrada exploração de recursos naturais contribuíram e contribuem no aumento de temperaturas em diversas regiões do mundo. O Brasil não está fora dessas. Assim, diante do desequilíbrio, particularmente ecológico, a partir dos pensadores, como, Guattari, Le Grange e Ramose, consideramos a rearticulação das três ecologias (ambiental, social e mental), bem como dos saberes de grupos minoritários e da filosofia Ubuntu como possíveis alternativas para o reequilíbrio ecológico, portanto, a superação da crise ambiental na contemporaneidade. Partindo da hipótese segundo a qual a modernidade, bem como a era antropocêntrica são principais responsáveis pelo desequilíbrio ecológico e pela redução da diversidade biológica, sobretudo sociocultural. Em relação ao procedimento metodológico, escolheu-se a pesquisa bibliográfica.

**Palavras-chave:** ecologia - filosofia; filosofia africana; filosofia bantu.

## **ABSTRACT**

The aim of this article is to understand how ecophilosophy, Ubuntu philosophy and knowledge of minority groups can help us to solve the current environmental crises. Indeed, it can be seen that the environmental deforestation and the unbalanced exploitation of natural resources have contributed and are contributing to rising temperatures in various regions of the world. Brazil is not exception. Thus, in view of the imbalance, particularly ecological, based on thinkers such as Guattari, Le Grange and Ramose, we consider the rearticulation of the three ecologies (environmental, social and mental), as well as the knowledge of minority groups and the Ubuntu philosophy as possible alternatives for ecological rebalancing, therefore overcoming the environmental crisis in contemporary times. Based on the hypothesis that modernity and the anthropocentric era are mainly responsible for the ecological imbalance and the reduction of biological diversity, especially socio-cultural diversity. As for the methodological procedure, bibliographical research was chosen.

**Keywords:** African philosophy; Bantu philosophy; ecology - philosophy.

---

<sup>1</sup> Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus dos Malês, sob a orientação do Prof. Dr. Cleber Daniel Lambert da Silva.

<sup>2</sup> Bacharel em Humanidades e graduando em Ciências Sociais pela UNILAB. Membro de grupo de pesquisa Geofilosofia e Performances de Pensamento.

## 1 INTRODUÇÃO

A crise ambiental causada pela humanidade está a afetar negativamente a biodiversidade. Por consequência, na atualidade, há o aumento das temperaturas, bem como crise hídrica e intensas chuvas em várias partes da Terra. Isso se faz sentir no Brasil. Diante disso, acreditamos que mobilizar diferentes conhecimentos, particularmente filosóficos<sup>3</sup> e tradicionais, vai ajudar-nos na recriação de modos de vida pautados na conservação da biodiversidade. Assim, o artigo tem por objetivo compreender de que maneira a ecofilosofia, filosofia Ubuntu e saberes de grupos minoritários podem-nos auxiliar na resolução de atuais crises ambientais. Este artigo está dividido em três partes, além das considerações finais.

Na primeira seção, será discutida a possibilidade do reequilíbrio ecológico, a partir da proposta guattariana descrita no seu livro intitulado *As três ecologias*, que são ecologia ambiental, social e mental. Na segunda, apresentaremos a proposta filosófica do Ubuntu face a fragilidades das relações humanas vividas hoje tais como a desunião no seio social e a redução da biodiversidade em nome do desenvolvimento. Sendo assim, nota-se que, por um lado, há constante busca pelo bem individual que coletivo. Por outro, há um certo descomprometimento com a geração futura. Levando isso em consideração, buscaremos apresentar caminhos em direção ao reencontro de relações harmônicas nas esferas ecológica e humana. Na terceira e última, abordaremos os impactos socioambientais nas alterações climáticas, e como os saberes de grupos minoritários podem-nos auxiliar no processo de busca pelas soluções socioambientais vigentes. Por fim, faremos considerações finais sobre esta investigação.

## 2 DAS TRÊS ECOLOGIAS GUATTARIANA A UM POSSÍVEL REEQUILÍBRIO ECOLÓGICO

A ecologia é um campo de saber, preocupado com a interação entre seres de diferentes naturezas. Segundo Odum (2001, p.4), "a Ecologia define-se usualmente como o estudo das relações dos organismos ou grupos de organismos com seu ambiente, ou a ciência das inter-relações dos organismos que ligam os organismos vivos ao seu ambiente". Tal definição de Odum, de natureza científica, permanece restrita ao campo das relações entre organismos vivos

---

<sup>3</sup> Inicialmente, por conhecimento filosófico, entende-se como uma forma particular de conhecer, principalmente questões ligadas à natureza humana, tendo a razão por base. Assim, "o conhecimento filosófico é *valorativo*, pois seu ponto de partida consiste em hipóteses, que não poderão ser submetidas à observação [...]" (Lakatos; Marconi, 2003, p.78).

e o ambiente. Guattari (1990), por sua vez, expande esse ponto de vista, chamando a atenção para a necessidade de pensar outras dimensões ecológicas. Isto é, ele preocupou-se em como articular três ecologias em vista de uma superação do desequilíbrio rumo ao equilíbrio ecológico. Em todos os caminhos possíveis para solucionar as problemáticas socioambientais, não há como retirar deles as seguintes ecologias: a de relações sociais, a da subjetividade humana e a do meio ambiente. Pensar no reequilíbrio ecológico sem envolver as três ecologias é equivalente a negação de vidas. Nisto, a articulação ativa entre as citadas ecologias pode proporcionar a reconstrução de um mundo verde <sup>4</sup> e melhor. Para tal, em que consiste cada uma dessas ecologias descritas por Guattari?

Primeiramente, a ecologia de relações sociais é o modo segundo o qual as sociedades relacionam-se. Ela objetiva criar o equilíbrio social. A forma como se constitui sociedades impacta diretamente na vida dos indivíduos que ali se vivem. De fato, a ecologia social é um caminho que pode nos levar a compreender de que modo a nossa produção social empobrece ou enobrece todo tecido social. Socialmente, a humanidade vive criando modos de vida, até modos não ecológicos, portanto há uma mistura entre o que deve ser evitado e o que deve ser feito, quando se trata de resolução dos problemas ambientais. Nisto, com base em Guattari (1990), percebe-se que conter o avanço do Capitalismo Mundial Integrado deve merecer devida atenção, pois há instauração da hiperexploração. Segundo o mesmo autor (1990, p.13), “em todo caso, é sobre tal instauração que repousa a implantação das Novas Potências Industriais, centros de hiperexploração tais como: Hong Kong, Taiwan, Coréia do Sul etc.” Diante disso, consideramos pertinente construir mais centros de solidariedade invés de hiperexploração, nos quais as necessidades básicas das camadas sociais mais empobrecidas, a exemplo, periféricas, serão supridas.

Uma sociedade doente e poluída, como a nossa, gera filhos/as doentes e poluídos/as. Ecologia de relações sociais é aquela que permite o ser social reorientar seus comportamentos, que apelam para a preservação e a conservação da vida. Ter respeito para com o seu semelhante, sem discriminação, sem preconceito racial, sem exploração, sem hierarquização socioculturais, sem políticas genocidas (globalização brutal), assim “[...] como a luta contra a fome no mundo [...]” isso é ecologia de relações sociais, enfatiza (Guattari, 1990, p.16). Feito isso, ainda seria necessário preocupar-se com a ecologia ambiental? Acredita-se que sim.

---

<sup>4</sup> Aqui a noção do mundo verde remete ao equilíbrio dinâmico, portanto, à saúde do planeta Terra. Por outras palavras, compreende relações saudáveis e sustentáveis entre os seres humanos e não-humanos, levando em conta a proteção e a preservação da biodiversidade.

Para nós, partindo de Guattari (1990), a ecologia ambiental considera a natureza como um dos mais preciosos bens a conservar, porque todos os seres, por exemplo, animais e plantas são parte da natureza. A preservação do meio ambiente equivale a manutenção de diferentes vidas. Por isso, consideramos fundamental redobrar as nossas ações de cuidar do tecido natural. Igualmente, parece-nos pertinente mitigar o “[...] desflorestamento ou da proliferação cega das indústrias nucleares”, alerta (Guattari, 1990, p.16). Efetivamente, o ar que poluímos, o mar que contaminamos, as florestas que desmatamos, sem precedentes, pescas predatórias que fazemos, biopirataria que conduzimos, exploração abusiva do reino mineral vão na contramão da ecologia do meio ambiente. Ela exige que a humanidade seja um sujeito com a capacidade de moldar seus comportamentos em relação aos recursos naturais, especialmente os não renováveis, petróleo, por exemplo. Isso significa dizer que a espécie humana deve apenas tirar da natureza recursos para sua saudável sobrevivência. Inversamente, “sem falar do caráter quase delirante da estocagem de milhares de ogivas nucleares que, à menor falha técnica ou humana, poderiam mecanicamente conduzir a um extermínio coletivo” (Guattari, 1990, p.11). Portanto, as consequências que podem advir a partir da interação do ser humano com o meio ambiente devem ser avaliadas localmente e pensadas globalmente. Por quê? Em afirmativa, o mundo é uma totalidade interligada.

Segundo Guattari (1990), a Ecologia da subjetividade tem a ver com fenômenos mentais, cognitivos, do estado latente. A nossa subjetividade é afetada, quando, consciente ou inconscientemente, adquirimos parâmetros comportamentais que além de nos prejudicar, prejudicam as outras espécies. A subjetividade é influenciada pela técnica, por exemplo. Essa que, muitas vezes, causa mal à biodiversidade. Assim aquisição e apropriação das técnicas, como, por exemplo, a fabricação de armas nucleares e o uso excessivo dos agrotóxicos vão na contramão de um dos valores mais sagrados, que é a vida. Não se questiona o importante avanço científico. Ao contrário, trata-se de pensar o desenvolvimento técnico-científico a partir de balizas que não aumentem a desigualdade entre humanos, que não opera contaminação socioambiental, que não gera pobreza aos mais empobrecidos e riquezas aos mais enriquecidos, que não esgote os recursos naturais, mas que crie relações equilibradas no seio planetário. Para tal, acredita-se que é preciso criar mecanismos de revolução. “Essa revolução deverá concernir, portanto, não só às relações de forças visíveis em grande escala, mas também aos domínios moleculares de sensibilidade, de inteligência e de desejo” (Guattari,1990, p.10). Para o pensador e militante francês, é hora de revolucionar as moléculas de forma a reeducar a subjetividade humana como os seus desejos, anseios, motivos e forte impulso de busca pela aquisição de bens materiais.

Portanto, no que se refere à ecologia mental, propõe-se que cada ser humano reforme os seus desejos, profundamente, de modo a ajustá-los, mais precisamente, ao bem comum. Isto não significa que o bem individual deve ser abandonado em razão do comum, mas, ao menos, colocá-los no plano horizontal, onde deve permanecer um equilíbrio dinâmico entre os dois bens. Assim sendo, parece-nos pertinente conciliar a esfera individual e a coletiva, pois, do contrário, teremos sociedades mais desiguais à medida que a individual está sobre a coletiva.

As três ecologias são consideradas inseparáveis, visto que o desequilíbrio de uma das três afeta negativamente as restantes, (Guattari, 1990). Novamente, por quê? Porque consideramos o mundo interligado. Do interligado não se deve fazer separação, sob pena de extirpar o preciosíssimo bem, que é a biodiversidade. Além disso, tentar resolver problemas ecológicos, sem levar em conta as dimensões ecológicas — a do meio ambiente, a social e da subjetividade —, é como tentar encher um saco furado. Devido à inoperância das três ecologias, assistimos catástrofes ambientais, exploração incessante dos recursos naturais, bem como guerras sociais, racismo ambiental. Efetivamente, ações humanas, com alto potencial destrutivo da harmonia cósmica, afetam negativamente, particularmente a variedade biológica. Isso nos parece denotar que a grande parte da humanidade perdeu e perde, quase totalmente, a sua capacidade de conservar vida no planeta Terra.

Com efeito, segundo Guattari (1990) o mundo está dinamitado, pois há um conjunto de ogivas nucleares em reserva em países, como, por exemplo, EUA e Rússia. Caso explodam, acidentalmente ou não, causarão consequências drásticas ao planeta Terra. Com a explosão nuclear de grande magnitude, em quais abrigos caberemos? Haverá mesmo local no qual refugiarmos sem sermos atingidos pelas radiações nucleares? Sobre isso continuamos a excogitar.

Consideramos a necessidade de revolucionar todas as relações como: a cultural, a social, a subjetiva e a do meio ambiente, de modo a construirmos um terreno fértil, no qual apenas se dá sementes. Assim pensando com Guattari, isso fará germinar uma ecologia genuína, que terá por missão principal transformar as relações sociais como um todo. O transformar aqui posto extrapola a ideia de inovar, envolve a ideia de recriar e de dar condições para que se opere ações ecológicas, primeiro, na mente humana. Feita operação, por consequências, teremos um passo fundamental dado em direção a um mundo dinamicamente equilibrado.

O desequilíbrio do planeta Terra envolve questões políticas, o que implica dizer que, frequentemente, as desenfreadas explorações dos recursos naturais têm suas bases nas políticas que as lideranças dos países efetivam. Nisto, o equilíbrio ecológico depende, em grande medida, da superação da hegemonia do capitalismo, pois a “relação do poder e a economia de lucro

determinam o campo socio ecológico” (Guattari, 1990, p.9). Com base na exposição do Guattari, percebemos que é preciso também reduzir a distância entre saberes científicos e não científicos, neste caso, os considerados tradicionais, de modo a criar um mundo propício, onde haja a manutenção da vida do planeta. Devemos aceitar vincular conhecimentos científicos e tradicionais, aquilo que chamamos de ecologia tradiciencia. Assim, a ecologia tradiciencia é um campo ecológico aberto ao diálogo interativo entre conhecimentos tradicionais e científicos, sem sobreposição entre eles.

Assim a questão ambiental transcende uma área de conhecimento, pois podemos encontrar diferentes reflexões sobre a mesma questão, desde conhecimentos tradicionais <sup>5</sup>até nos mais variados campos de estudo científico, como, por exemplo, Biologia, Ecologia entre outros. Como conhecimentos tradicionais, exemplificamos os da população Indígena e Quilombola. Assim, do ponto de vista filosófico, por exemplo, a partir de Morin<sup>6</sup> (2000), a resolução de problemas ambientais não se restringe aos especialistas em matéria, mas depende de uma articulação profunda entre saberes/conhecimentos. Posto que, nas palavras do mesmo autor, “[...] o conhecimento científico não pode tratar sozinho dos problemas epistemológicos, filosóficos e éticos” (Morin, p. 21, 2000).” Isto é, a resolução de problemas, por exemplo, socioambientais, sobretudo a nível global, requer a mobilização de vários conhecimentos ora referenciados, particularmente do Sul Global. Com efeito, “o Norte desenvolveu o cálculo e a técnica, mas perdeu a qualidade de vida, enquanto o Sul, tecnicamente atrasado, cultivava ainda qualidades de vida” (Morin, 2000, p. 77). Diante disso, percebe-se a necessidade de participação dos saberes/conhecimentos, por exemplo, dos africanos e indígenas na difusão de qualidade de vida, que manifesta, entre outras formas, através da sua relação harmônica com a biodiversidade.

A diversidade biológica no planeta Terra seja a nível biológico ou cultural está sendo afetada pelo progresso científico. O meio ambiente assim como os modos tradicionais são

---

<sup>5</sup> “Para efeito deste trabalho, conhecimento tradicional é definido como o conjunto de saberes e saber-fazer a respeito do mundo natural, sobrenatural, transmitido oralmente de geração em geração. Para muitas dessas sociedades, sobretudo para as indígenas, existe uma interligação orgânica entre o mundo natural, o sobrenatural e a organização social. Nesse sentido, para estas, não existe uma classificação dualista, uma linha divisória rígida entre o “natural” e o “social”, mas sim um continuum entre ambos” (Diegues, (Org.), 2000, p30).

<sup>6</sup> Edgar Morin é um pensador contemporâneo. “Nascido em Paris numa família judaica de origem sefardita (seu sobrenome real é Nahoum), Morin estudou história, economia e direito na Sorbonne. Morin é autor de cerca de 70 livros, entre os quais os seis volumes de “O Método”, publicados de 1977 a 2004, considerado o seu principal trabalho. Contribuiu em diversas áreas, como educação, estudos de mídia, ecologia, ciência política, antropologia visual e estudo de sistemas biológicos complexos. [...] Morin tem contribuições significativas para a teoria da complexidade e estabeleceu as características do que chamou de “pensamento complexo”, definido por ele em termos simples na mesma entrevista como um método para articular saberes” (Bellesá, 2021, s.p.).

submetidos à destruição. De facto, “não existem apenas inovações e criações. Existem também destruições. Estas podem trazer novos desenvolvimentos: assim, os avanços da técnica, da indústria e do capitalismo levaram à destruição de civilizações tradicionais” (Morin, 2000, p. 82). Consideramos que qualquer inovação, avanço técnico-científico deve levar em conta a conservação da fauna e flora e, semelhantemente, de tradições socioculturais das sociedades não ocidentais, como, por exemplo, africanas.

Guattari (1990), ao lançar olhar para o mundo ecológico, percebeu que os efeitos do mau uso dos recursos ecológicos estão a escapar cada vez mais do controlo das instituições político-governamentais. Isto significa dizer que a resolução da crise ecológica está a extrapolar a dimensão tecnológica, o que exige a reinvenção de outras formas possíveis de viver a fim de mitigar o preocupante desequilíbrio ecológico. Além disso, vê-se que não basta criar mecanismos a fim de conter o desequilíbrio ecológico, mas pô-los em prática.

A resolução da crise ecológica transcende o âmbito local, isto é, envolve o global, (Guattari, 1990). Nisto, parece-nos que a humanidade deve recriar formas de conceber o espaço ecológico, de tal modo que esse passe a ser considerado como indispensável à existência saudável entre todos os seres que compõem o cosmo. Sejam eles humanos ou não-humanos. O ser humano, distinguido dos demais seres, pelas suas faculdades criativas, inteligências, entre outras, deve, sim, usar todas as suas disposições mentais para o bem de si mesmo e do planeta. Segundo Guattari (1990), a inteligência deveria/deve unicamente ser usada para que haja o equilíbrio, em todas as formas possíveis, não o desequilíbrio. Como, por exemplo, “[...] orientar as ciências e as técnicas em direção a finalidades mais humanas”, bem como priorizar “o desenvolvimento contínuo de novos meios técnico-científicos potencialmente capazes de resolver as problemáticas ecológicas dominantes e determinar o reequilíbrio das atividades socialmente úteis sobre a superfície do planeta [...]” (Guattari, 1990, 12, 24).

Adicionalmente, consideramos a necessidade de haver uma profunda reeducação dos desejos desequilibrados, domínio total do planeta Terra, a proliferação de indústrias nucleares. Com efeito, chegamos a um nível de desequilíbrio, no qual há um extremo esgotamento de princípios que nos deveriam orientar a lidar bem com a arena ecológica. Esses princípios, primeiro, são: compreender bem que o ser humano representa uma pequena parcela de um conjunto dos seres que compõem o cosmo, segundo, considerar a vitalidade de cada ser existente como fundamental ao equilíbrio dinâmico, como: plantas, rochas, portanto, a natureza em geral. A mobilização, se possível, de todos os modos de vida, que estão fora da arena capitalista, é bem-vinda, desde que eles abram horizontes e possibilidades de reencontrar na natureza princípios intrínsecos ao equilíbrio planetário. Esses valores podem ser enxergados no

meio ambiente em si, não mais mediante a sua transformação, pois a natureza possui padrão que a rege.

A não observância dos princípios acima citados, a nossa preocupação em como viveremos doravante tem aumentado consideravelmente, uma vez que há hiperexploração no âmbito da revolução técnico-científica, bem como o aumento da população a nível global. Em função do fenômeno da globalização, muitos modos de vida estão a ser alvo de extinção, o que é perigoso. Se o cosmos já é diverso, porque tentar extirpar a diversidade a todo custo! Por extensão, existe constante sofisticação das máquinas, robôs, que tiram e que tirarão ainda mais o trabalho nas mãos de pessoas, enaltece (Guattari, 1990). Frente a esse cenário, “se não houver uma rearticulação dos três registros fundamentais da ecologia, podemos infelizmente pressagiar a escalada de todos os perigos: os do racismo, do fanatismo religioso, das cismas nacionalitários caindo em fechamentos reacionários, os da exploração do trabalho das crianças, da opressão das mulheres...” (Guattari, 1990, p.16,17). Nisto, percebe-se que é razoável aprendermos a ler bem os nossos comportamentos para com as outras espécies, portanto, a biodiversidade em geral.

Para tal, entende-se que a articulação das três ecologias (ambiental, mental e social) pode-nos levar a cuidar bem da biodiversidade. Do contrário, como se vê, a revolução tecnológica está a criar um mundo cada vez mais transitório. Por outras palavras, com ela, estamos a perder espaços de diversão tanto no seio familiar quanto no social em detrimento de um novo tipo de humanidade que está a ser criado pela revolução tecnológica. Os hiper-humanos (capitalistas) e a inteligência artificial estão a corroer fortemente as relações socioambientais, desde de que há uma alta tendência em preservar o capital econômico do que a vida. As redes sociais atualmente são espaços reservados mais para os encontros, diversão, onde quase é impossível distinguir posturas dos adultos das das crianças, como, por exemplo, de mandar indiretas, veicular falsas notícias, de postes de fotos, de atualização de falsas alegrias, como, sorrir sempre nas fotos, mesmo sem graça, portanto, de “infantilização regressiva”, alerta (Guattari, 1990).

Concluída esta etapa, onde vimos as contribuições das três ecologias, do pensador francês, Guattari, bem como a articulação de saberes/conhecimentos proposta por Morin, pensador empenhado em buscar entender a complexidade<sup>7</sup> de que mundo é feito. Diante da

---

<sup>7</sup> “O que é a complexidade? A um primeiro olhar, a complexidade é um tecido (*complexus*: o que é tecido junto) de constituintes heterogêneas inseparavelmente associadas: ela coloca o paradoxo do uno e do múltiplo. Num segundo momento, a complexidade é efetivamente o tecido de acontecimentos, ações, interações, retroações, determinações, acasos, que constituem nosso mundo fenomênico” (Morin, 2005, P.13).

complexidade, particularmente ecológica e da crise a que ela é submetida, geralmente, pela ação humana, investir na articulação de conhecimentos pode ser indispensável no que tange ao reequilíbrio, particularmente ecológico. Assim, compreende-se que a articulação das três Ecologias pode-nos levar a mitigação e, conseqüentemente, criar um ambiente ecologicamente mais equilibrado.

Na seção que se segue, procuraremos dialogar com o filósofo Sul-africano, Ramose, justamente no quesito de relação triádica do ser, com o intuito de compreender até que ponto a perspectiva filosófica do Ubuntu pode-nos auxiliar no tocante à construção de relações equilibradas tanto a nível humano quanto não-humanos.

### 3 A RELAÇÃO TRILÓGICA DOS SERES

A constituição da sociedade humana, até onde se sabe, há tempos imemoráveis, requer três membros imprescindíveis à sua manutenção, que é a união entre homem e mulher, para depois gerar filho/a, sem isso não era/é possível termos uma configuração social que temos. A configuração que vai de pequena família à grande comunidade de indivíduos, na qual há uma relação entre os constituintes sociais. A união entre a mesma espécie (humana, por exemplo) é condição vital para o desdobramento da existência. Nisto, só podemos continuar a existir mediante a conservação da união, seja no plano afetivo, gerativo e outros afins. Na ausência da união, a relação inter-humana empobrece-se. É notório que, desde a antiguidade, em diferentes tradições filosóficas, como em outros campos de saberes, o ser humano usou e usa seus recursos cognitivos, por meio de reflexão, para tentar explicar a sua vivência.

Com efeito, o *ubu-ntu* é uma unicidade que conserva e gera condições para aparição de multiplicidade de seres, humanos, animais. A unicidade extrai qualquer tentativa de separação. A separação de relações inseparáveis literalmente, em termos ontológicos, enfraquece os modos de vida. “Portanto, *ubu-ntu* é uma categoria ontológica e epistemológica no pensamento africano do povo de língua banta. É a indivisível unicidade e inteireza da epistemologia e ontologia” (Ramose, 1999, p.2).

Na perspectiva filosófica Ubuntu a dimensão onto-triádica do ser é fundamental para a compreensão de interligação existente entre os seres. Nessa visão, temos dois tipos de seres e um movimento de vir-a-ser. Primeiro, mortos vivos, se preferir, ancestrais; segundo, seres vivos, que somos nós; e por último, não menos importante, o vir-a-ser, em outras palavras, a futura geração. Assim, a extensão triádica é interligada, porque é uma manifestação da

unicidade de diferentes seres da mesma ordem. Os seres não-viventes são uma espécie de ponte sustentadora dos seres vivos. Os vivos, por sua vez, são responsáveis para que a futura geração venha a existência (Ramos, 1999). Em relação a filosofia Ubuntu, lê-se:

Na filosofia *ubuntu*, um ser humano no mundo dos vivos deve ser um *umuntu*, com intenção de dar uma resposta ao desafio da instabilidade fundamental do ser. *Umuntu* não pode atingir *ubuntu* sem a intervenção dos mortos-vivos. O morto-vivo é importante para a manutenção e proteção da família dos vivos. Isto também é verdade em relação à comunidade em geral. Por esta razão, é imperativo que o líder da comunidade, juntamente com os anciãos da comunidade, deve ter boas relações com os seus mortos-vivos. Isto diz respeito da a compreensão *ubuntu* da harmonia cósmica (Ramos, 1991, p.11).

A harmonia só pode ser pensada mediante a diferença. Por outras palavras, tornar algo harmônico exige eliminação de certas vontades em prol do bem coletivo. Vontades de dominar o outro, de explorar o outro, de invisibilizar o outro em nome do bem, que não se vê fora da mente de quem a concebeu. É o momento de transformá-las em aquelas, como, a de solidariedade e a de cooperação, sobretudo entre seres humanos. O desprezo pela diferença nos conduz a ver no mundo muitas imperfeições, o que, geralmente, não condiz com a realidade, são apenas reflexos mentais nossos. Assim, olhar para a natureza humana, de forma mais compreensível, é necessário, a fim de que as diferenças sejam integradas.

São múltiplos modos de ser, que se configuram num determinado tempo e espaço. Dentro de milhares de espécies já classificadas, o ser humano aparece ali como uma minúscula partícula, quando comparado com a totalidade da existência. A existência transcende o plano tangível, envolvendo plano não tangível, seres espirituais, por exemplo. A depender de cada cultura, de cada concepção concebida, por cada grupo social, sempre há explicações sobre o grande mistério, que é o cosmos. Explicações são variáveis conforme cada povo, sem esquecer a questão temporal e espacial. O cosmo, por sua vez, remete à totalidade da existência.

Desde antiguidade, a humanidade, pela curiosidade sua, lançou-se em busca dos princípios que fundamentam a existência, através de várias vertentes, como, a filosófica, a religiosa, a mítica, entre outras. Assim a concepção filosófica do Ubuntu não fica fora do quadro explicativo sobre a arque, o princípio fundante. Sempre que existe algo, supõe-se que possa haver uma causa da sua existência, através da qual, geralmente, possibilita a multiplicação dos seres semelhantes. Por consequente, nota-se que, em toda existência, há um possível plano de derivação necessário, não especulativo. Desse modo, Ramos (1999, p.2) explica que “*Ubu* evoca a ideia da existência, em geral”. “*Ubu* aberto à existência é sempre orientado para um

desdobramento, que é uma manifestação concreta, incessantemente contínua, através de formas particulares e modos de ser.”

Antes de pensar, em termos particulares, seria melhor desenvolver um pensamento coletivo, isto é, compreender a complexidade de diferentes seres que habitam o cosmos. A compreensão dessa complexidade passa por uma profunda autorreflexão sobre o que devemos fazer ou não, especialmente no pluriverso. No mundo, sempre há princípios que quase não mudam, em mais variadas circunstâncias. Nisto, enaltecemos alguns princípios, ação verso reação; plantação verso colheita, vamos colher aquilo que um dia semeamos. O resultado de cada ação nossa pode ser bom ou mau, dependendo do modo como a procedemos. Por isso, devemos primar pelas boas ações.

Para *melhor viver*, o ser humano autoconsiderou-se como responsável de todas outras espécies, sem distinção. Inicialmente, o Antropoceno<sup>8</sup> é efeito imprevisível de ações humanas que não tinham como primeiro objetivo a alteração de uma era geológica. Mas é responsável por várias catástrofes socioambientais, guerras entre humanos e não-humanos. Como desdobramentos da centralidade humana no meio dos demais seres, temos a incessante busca pelas riquezas, o afastamento daquilo que nos deveria unir, a diversidade e, entre outros. Aceitar o exercício de tirar a humanidade no centro da existência, como se pretende estar, é um dos possíveis caminhos ao reencontro de um mundo dinamicamente estável.

A partir de Ramose (1999), a existência é sempre marcada pelo movimento do não ser ao ser, pois o movimento é inerente ao Ubuntu. Tudo que existe é de alguma forma perpassada ou atravessada pela mobilidade, seja literal ou não. Para bem ilustrar a mobilidade da existência, vamos a um exemplo. Para que haja luz, antes houve uma ação projetada contra escuridão, para falarmos uns com os outros, precisamos de movimentar nossos lábios ou mãos, ou ainda, outras formas de comunicar. O ser humano é uma das espécies que faz parte de milhões, ou seja, de todos os seres existentes. A diferença, enquanto condição existencial, não deve ser relegada ao segundo plano, portanto, marginalizada.

O deslocamento abrupto de qualquer espécie pode levar-nos ao caos da existência, porque, com certeza, se não houvesse seres não humanos não haveria a denominação do ser humano. Imaginemos como seria o cosmo se não existissem outras formas de vida, outros recursos, a exemplo, a água, certamente, não existiríamos. O ato de afirmação pressupõe uma

---

<sup>8</sup> O nome Antropoceno vem do grego, da junção de “anthropo”, que significa humano, e “ceno”, que quer dizer novo ou recente. O termo foi cunhado pelo biólogo Eugene Stoermer e pelo químico vencedor do Nobel Paul Crutzen em 2000 para batizar o intervalo do tempo no qual muitas condições e processos na Terra são profundamente alterados pela humanidade” (Maes, 2023, s.p.).

relação entre quem afirma e o que está sendo afirmado, por isso, “[...]ser um humano é afirmar sua humanidade por reconhecimento da humanidade de outros e, sobre estas bases, estabelecer relações humanas com os outros” (Ramos, 1999, p. 3).

Na verdade, quando se pensa sobre o mundo, sobretudo cientificamente, vem na cabeça de grande parcela humana (por exemplo, os ocidentais) a ideia daninha, que é o antropocentrismo. Ou seja, é a espécie humana que está no centro do universo. Até certo ponto, o ser humano cabe no centro do universo, posto que é uno, portanto, diferente dos demais seres. Entretanto, vale ressaltar que a concepção do universo exclui sistematicamente os pluriversos, nos quais se encontram outras naturezas. Por consequência, estamos a ver constantes agressões do mundo capitalista à biodiversidade.

Novamente, a ação gera reação. A construção de um futuro pleno, próspero, saudável, equilibrado, dentro de um mundo diverso, depende muito de como reagimos àquilo que nos difere e dos nossos modos de vida. “O ponto crítico para anotar aqui – e esta é a nossa visão – é que: “Ser e vir-a-ser não são opostos um ao outro; eles expressam dois aspectos da realidade”. De acordo com a separação imposta, entre ser e vir a ser, ser é a ordem e o vir-a-ser é o caos” (Ramos, 1999, p.5). Nesta lógica, entendemos que existem diferenças entre seres humanos (índios, africanos, europeus...), em diferentes esferas da vida. Exemplificamos a ontológica e as socioculturais. Ontologicamente, por exemplo, o conceito do Ser na perspectiva filosófica Ubuntu é diferente do da Ocidental. As diferenças socioculturais são mais tangíveis, (a exemplo, a organização social e modos de vida). Ainda assim, percebemos que a ninguém cabe a tarefa de hierarquizar a diversidade humana. Assim, cabe a todos nós o constante exercício de compreendê-la como tal. No entanto, parece-nos que o Ocidente ocupou-se dessa tarefa de hierarquizá-la. Além disso, a sua desarmonia com a biodiversidade ilustra bem a sua postura antropocêntrica, provocando fraturas dentro da natureza.

Segundo Ramos (1999), a perspectiva do Ubuntu prima em preservar a unicidade da natureza, opondo-se à sua fragmentação por meio da linguagem. Com a linguagem, criamos realidades e representações simbólicas, através das quais definimos e nomeamos tudo que nos aparece. Só que, às vezes, somos tendenciosos demais em realizar a tarefa de nomeação por meio da qual construímos distanciamento invés de linhas de conexões entre diferentes naturezas. Com o passar do tempo, tudo que é verbalmente criado, nomeado, ganha na mente humana uma notoriedade naturalizada, perdendo assim a sua função de originalidade, que é fruto da linguagem. Nisto, é melhor compreender a natureza invés de projetar uma imagem que só cabe na nossa cabeça, que é o ser humano é o mais digno de todos os seres.

“A experiência de falta de equilíbrio é, desta forma, o problema básico da existência humana. Para resolver esse problema, a linguagem invoca o conceito de ordem como o significado a estabelecer e manter equilíbrio nas relações humanas” (Ramos, 1991, p. 5). Assim, para nós, a natureza só pode ser compreendida holisticamente, sob pena de eliminar da existência o equilíbrio dinâmico. Não existiria a noção do equilíbrio se não existissem outros seres, como animais e não animais, neste caso, as plantas, entre outros.

No mundo, como em tantas outras esferas da vida humana, não nos deve faltar a capacidade de adaptação ao diferente, invés de manter noções vivas que colocam outras espécies como mero insumos, instrumentos a converter em riqueza. Diante disso, não devemos estar apegados àquilo que nos destrói, que nos apequena, mas devemos ser flexíveis, objetivando construir um equilíbrio possível, pois “os seres humanos não são feitos pela verdade. Eles são os criadores da verdade” (Ramos, 199, p. 10).

Diante do exposto até aqui, para que haja o reequilíbrio em dimensões como humana e não humana, acreditamos que a articulação das três ecologias com a filosofia Ubuntu pode contribuir para isso, pois de nada adianta construir uma relação sólida no seio humanitário, sem também no seio da biodiversidade. Por outras palavras, o reequilíbrio socioecológico depende de como lidamos com a variedade biológica, sendo nós apenas uma parte dela.

Nesta última seção, buscaremos apresentar diferentes formas adotadas pela humanidade, especialmente a do Norte global contra o meio ambiente e os seus impactos, bem como os efeitos da homogeneização pretendida pelo Ocidente ao longo de séculos. E, através dos modos de vida de grupos minoritários, apontaremos caminhos que podem nos levar a um cosmos humanamente e ambientalmente saudável.

#### **4 OS IMPACTOS DAS RELAÇÕES SOCIOAMBIENTAIS E MUDANÇAS CLIMÁTICAS**

As reações socioambientais estão a deteriorar-se, por isso, parece-nos ser urgente adotarmos modos de vida que possam revitalizá-las. A adoção de tais estilos de vida, como, a cooperativa, passa, primeiro, pelo cultivo de práticas de vida sustentável, pautada especialmente no cuidado da natureza. Com efeito, tais estilos sustentáveis podem, por certo, ser encontrados nos modos pelos quais as comunidades tradicionais, por exemplo, os ribeirinhos têm lidado com o meio ambiente, que é a exploração equilibrada do mesmo.

Com efeito, a floresta é residência de entidades espirituais, dos animais, dos povos Yanomami. É a fonte de sustento para os Yanomami. “Por isso queremos proteger a terra em que vivemos” (Kopenawa, 2015, p.75). Essa proteção da terra requer conhecimentos. Nisto, o mesmo autor explica que todos os conhecimentos sobre como lidar com a floresta foram ensinados pelos antepassados dos Yanomami aos atuais, ou seja, de geração em geração. Os Yanomami foram instruídos pelos mais velhos a viver de modo solidário, por exemplo, a partilhar comida. Além disso, a tratar com amizade os que visitaram/visitam suas terras (Kopenawa, 2015). Nisto, o autor lança convite, sobretudo ao mundo capitalista. Trata-se de repensar a sua forma de lidar com a floresta, exemplificando, o desmatamento da mesma.

Do contrário, pouco se resolve. Na verdade, os “problemas ambientais atingiram níveis globais incomparáveis ao ponto em que nós, agora, nos referimos aos problemas coletivamente como crise ambiental (sócio-ecológica)” (Le Grange<sup>9</sup>, 2015, p.1). Com efeito, estamos perante um problema de relação socioambiental<sup>10</sup> global em que o desequilíbrio socioecológico deve ser resolvido também a nível planetário. Assim,

Segundo De Ber et al. (2014:2-3), nas palavras de Le Grange (2015) identificam o que se segue como problemas ambientais urgentes enfrentados pela sociedade global em geral e pela sul-africana, mais especificamente: perda de biodiversidade; resíduos tóxicos; mudança climática; diminuição da camada de ozônio; riscos associados à tecnologia nuclear; pesticidas; superpopulação; urbanização; esgotamento de recursos naturais; saúde humana e doenças; desertificação; desmatamento; poluição pobreza”. (Le Grange, 2015, p.1).

Nota-se que a biodiversidade tende a reduzir, ainda, em decorrência de ações humanas contra a mesma, a arara azul e o pinguim-africano ameaçados de extinção são exemplos. Isso significa dizer que muitas vidas no planeta Terra, como, por exemplo, as humanas e não-humanas, também, encontram-se ameaçadas. Ameaças que, geralmente, são provocadas por

---

<sup>9</sup> Lesley Le Grange “é Professor Distinto na Faculdade de Educação da Universidade de Stellenbosch. Ensina e investiga nos domínios da educação ambiental, educação científica, investigação educacional, estudos curriculares e estudos sobre o ensino superior. Lesley Le Grange tem 234 publicações a seu crédito e faz parte dos conselhos editoriais de nove revistas por pares”. Disponível em: <https://www0.sun.ac.za/cst/person/prof-lesley-le-grange/>. Acesso em: 30 nov. 2023. Tradução nossa. Ressaltamos que o texto *Ubuntu/botho como uma ecofilosofia e ecosofia* do qual fizemos uso, em síntese, Le grange apresentou a filosofia Ubuntu como um dos possíveis caminhos em direção a superação dos conflitos entre humanos e o reino ecológico em geral.

<sup>10</sup> “Socioambiental é um neologismo que junta as palavras social e ambiental. Resulta em como a junção do social e do ambiental em uma só palavra manifesta o surgimento de uma nova relação entre natureza e cultura. Refere-se aos problemas e processos sociais, tendo em conta sua relação com o meio ambiente: desenvolvimento socioambiental. Por extensão trata-se da responsabilidade dos indivíduos por suas ações que afetam o ambiente. É uma forma de abordar problemas e questões intercalando aspectos relacionados ao meio ambiente e a sociedade/cultura. A ideia é abordar os problemas de uma nova maneira pois, historicamente a humanidade fez uma divisão entre natureza e cultura, natureza e homem. Hoje, já se sabe que essa separação não só não é real, nem funcional, como também cria mais problemas tanto para as pessoas, como para o meio ambiente” (Medeiros, 2022, s.p.).

grandes aglomerados econômicos que, por sua vez, seus donos são movidos pela vontade de, se possível, monetizar tudo quanto existe. Citando o caso análogo, a devastação e, conseqüentemente, a ocupação de milhares de hectares do Cerrado brasileiro por aglomerados econômicos, o que, de fato, preocupa mais os habitantes locais (Indígenas, Quilombola etc.). De forma mais simples, esses querem, ao que nos parece, transformar a biodiversidade em dinheiro, exceptuando apenas as suas vidas. Nessa incessante busca de transformação de variedade biológica, lê-se umas das conseqüências:

A mudança climática traz não apenas menos água em muitas partes da África, mas também temperaturas mais altas. Pesquisas no Sul da África mostram que um aumento de 2º Celsius pode reduzir a precipitação em 10% e que isso efetivamente se traduz em uma prolongada redução na disponibilidade de água, que por sua vez, vai impactar em perturbações no abastecimento de usinas hidrelétricas, afetando a indústria e necessidades (Le Grange, 2015, p.3).

Os eventos climáticos podem ser sentidos em diferentes áreas, em diferentes momentos, de diferentes maneiras. Com efeito, a poluição do ar e das águas, advindas da produção capitalista, podem “[...] afetar de forma variável os diferentes grupos sociais” (Acsehrad, 2010, p.110). Por isso, conciliar as atividades humanas com os ciclos naturais é fundamental. Ou seja, adaptação ao clima envolve, entre tantas atividades, aplicação dos saberes de grupos minoritários, bem como o incentivo a práticas que visam restaurar áreas degradadas. Além disso, deve ser levado em conta a perspectiva segundo a qual o reino ecológico está interligado.

A referida perspectiva ainda está viva. Ou melhor, pode ser encontrada nos modos de vida de grupos minoritários. Ressaltamos que aqui usamos a expressão grupos minoritários não em termos numéricos, mas em termos de poder, de acesso a estrutura de poder decisório. Por outras palavras, refere-se àqueles aos quais falta o acesso aos recursos, como econômico, a exemplo, comunidade de quebradeiras de coco babaçu, que sempre tira da floresta recursos para sua subsistência. Não para acumular até expirar prazo, como tem feito sociedade capitalista. Afinal, “a humanidade e a biosfera estão ligadas. Uma não tem futuro sem a outra” (Mbembe, 2020, p.9). Assim, entendemos que tanto o presente quanto o futuro saudável dependem, particularmente de como a humanidade lida com o reino ecológico, portanto, da biodiversidade. Por extensão, deve haver harmonização entre diferentes espécies. “Em outras palavras, a vida humana está embutida na e relacionada à vida ecológica” (Le Grange, 2015, p.13).

De facto, a efetivação das práticas que nos pode levar ao encontro do reequilíbrio ecológico exige que haja, primeiro, o interesse genuíno sobretudo por parte das elites globais;

segundo, cooperação entre todos atores sociais. Tendo por referência a conduta das minorias no que diz respeito à conservação de laços harmônicos, especialmente entre o ser humano e o meio ambiente, caso não, por exemplo, um dia a água potável poderá não estar mais disponível. Além disso, “[...] as ameaças à humanidade são cada vez mais existenciais” (Mbembe, 2020, p.8). No quadro das ameaças, enfatiza-se as consequências advindas de exploração dos recursos naturais, como a irrigação em massa, verificada nos campos de agricultura industrial/comercial, o que pode causar crises hídricas.

A exploração dos recursos naturais, mina carvão, o uso de agrotóxicos, por exemplo, “[...] apesar desses problemas dizerem respeito à erosão da base biofísica do planeta, eles sempre têm dimensões sociais, econômicas e políticas interagindo” (Le Grange, 2015, p. 2). Em relação à dimensão social, exemplificamos a invasão das terras indígenas, por parte dos garimpeiros, alterando seus modos de vida e não só. Por extensão, a dimensão social diz respeito “[...] de como as pessoas vivem juntas - nessa instância, quais são as condições de vida de todos os trabalhadores na indústria do petróleo, incluindo aqueles em navios petroleiros etc.” (Le Grange, 2015, p.2). Ao passo que a dimensão econômica enquadra-se num viés pautado, muitas vezes, na geração de lucro e não em dar condições à continuidade de diferentes vidas. Assim Le Grange (2015, p.2) afirmou a necessidade de “compreender a atividade econômica subjacente que produziu o vazamento de petróleo e o sistema econômico do qual a atividade faz parte (capitalismo mundial integrado)”. Por consequência, temos de um lado, uma parcela de população enriquecida, do outro, empobrecida. Nas palavras de Le Grange (2015, p.2) a dimensão “[...] política que diz respeito aqueles que têm poder para decidir questões que afetam a vida das pessoas e o bem-estar do planeta - isso envolve também políticas governamentais, regulação ambiental e a natureza da cidadania”.

Diante disso, o autor chama a nossa atenção, pois a mitigação do desequilíbrio socioambiental requer caminhos múltiplos, por outras palavras, de todos os arranjos de organização social, econômica, política, por exemplo. Além disso, nota-se que devemos buscar solucionar qualquer problema pela raiz. A poluição da atmosfera, a título de exemplo, deve ser entendida não só a partir do seu efeito, ou seja, reduzir sua ocorrência, mas também o que lhe originou. Dito de outra forma, a busca pela solução deve ser ativa e constante, partindo das causas aos efeitos. Antes de preocupar-se com o desequilíbrio ecológico, seria preciso pensarmos na sua causa, para depois propormos soluções viáveis e duradouras. Destas causas, a humanidade não está isenta. Entre as três dimensões referenciadas no parágrafo anterior, a ênfase recai sobre a política, porque, sobretudo nesta contemporaneidade, é dela que se articula os procedimentos em relação à exploração.

As atividades humanas têm impactado negativamente a biodiversidade. Adicionalmente, dessas atividades, destacamos a indústria, o comércio, a pecuária como as que estão na origem de desregulação do equilíbrio ambiental. Empreendimento como a desenfreada busca pelo acúmulo de bens materiais, exploração abusiva do meio ambiente, entre tantas outras, são vistas mais do que nunca. Nisto, levanta-se várias preocupações a respeito da continuidade ou não de vida, particularmente humana no cosmos. A mudança climática afeta o planeta terra de modo geral, na África subsaariana, por exemplo,

Espera-se que alimentos silvestres, dos quais muitas famílias dependem por laços de segurança, mudem seus habitats. Em um estudo conduzido na África subsaariana, de 5000 espécies de plantas estudadas, entre 81 e 97% serão afetadas pela mudança de habitats e espera-se que entre 25 e 42% de habitats das espécies sejam perdidos juntos (Africa Geografic 2007: 74-78; LotzSisitka e Le Grange 2010) (Le Grange, 2015, p.3).

Com efeito, estamos a perder a biodiversidade em razão da má atuação humana sobre o meio ambiente. Hoje, até pode parecer que apenas as vidas de diferentes plantas estão ameaçadas de extinção. Mas, de certa forma, a da humanidade também está ameaçada, na medida que, por razões de ação humana contra a natureza, no mundo, muitas pessoas passam fome. Assim, “as implicações dessas mudanças são particularmente severas para comunidades que usam essas plantas para alimentação ou remédios” (Le Grange, 2015, p.3). Há aumento da desigualdade socioeconômica, tal como a ênfase na arrecadação do capital. Por outras palavras, há uma completa inversão de valores em que a riqueza parece importar mais que a vida, a cooperação deu lugar à competitividade. A competitividade, por sua vez, esfria o amor ao próximo e perpetua desigualdade, sobretudo socioeconômica, porque, afinal, o que mais importa não é o bem comum, mas o individual.

Em virtude disso, invés de tantos e tantos investimentos na maximização de lucros, como faz o sistema capitalista, por que não investirmos na maximização do bem-estar socioecológico? Trata-se de democratizar os bens de consumo à toda comunidade humana, sem afetar muito o reino ecológico, como ele tem sido afetado pelo sistema capitalista. De forma enfática, entende-se que tanto a exploração desequilibrada de recursos quanto a sua distribuição afetam a arena socioecológica à medida que a empobrece. Em consequência disso, temos crises de relações. Onde a preservação de vidas deve falar mais alto que qualquer outra coisa. Por extensão, consideramos urgente cultivar modos de vida sustentáveis, de modo a dar resposta à vigente crise socioecológica, o que passa por, segundo Le Grange (2015, p.10) “[...] fazer coisas para o bem dos outros; pensar em si mesmo como ligado aos outros”. Seguramente, há

esgotamento de recursos não renováveis, a água doce, por exemplo. Para não piorar a situação, reinventemos os estilos de vida alinhados à saúde planetária.

Contudo, a proteção do meio ambiente é uma das atividades pelas quais pouca a gente se interessa, particularmente o universo capitalista. Talvez, por vê-lo apenas através das concepções que reduzem a utilidade do ambiente ao bem material apenas. Entretanto, grupos minoritários enxergam o meio ambiente além da sua utilidade material (comunidades: ribeirinhas, quilombolas, indígenas e, entre outras). Essa pressupõe que “a área de plantio, a área onde vamos buscar os remédios, onde vamos buscar argila, a área em que se ensina para as crianças sobre a caça, sobre a mata – toda essa área tem que ser protegida” (Djekupe, 2022, p. 2). A prática protetiva vislumbra o quão é necessário não só restabelecer conexão com a natureza, mas respeitar cada parte que a compõe, pois “a gente sempre fala que o nosso território é sagrado. Ele não é moeda de troca, não tem valor financeiro” (Djekupe, 2022, p. 2). Nesta lógica, devemos, de alguma forma, consagrar nossos atos para com a terra, tornando-os harmônicos. Embora o capitalismo nutriu o desmedido desejo de acúmulo, especificamente monetário.

Ter dinheiro é algo desejável por milhares de pessoas, afinal, com o dinheiro paga-se para construir mansões, adquirir bens móveis e imóveis, sobretudo à moda Ocidental. Também, é com dinheiro que se compra carros de marcas (Ferrari, Lamborghini, Rolls-Royce, Bugatti). No caso das pessoas mais ricas do mundo, até neste momento, como Elon Musk, Bernard Arnault, Jeff Bezos, mesmo gastando milhões em suas nobres compras, ainda, sobrarão milhões em suas contas, pois são bilionários. Até este momento, o dinheiro pode quase tudo, pois possibilitou, entre várias descobertas, que os curiosos viajassem tanto para lua quanto para o fundo do oceano, gastando considerável montante, enquanto há também um considerável número de pessoas, em todo mundo, a deparar com a insegurança alimentar. Assim, segundo a ONU News (2023), nas palavras do Secretário-Geral das Nações Unidas, António Guterres, há “780 milhões de pessoas passam fome enquanto um terço de toda a comida produzida é perdida ou jogada fora”. Diante dessa situação catastrófica, repensar o modo de produção, especialmente de capitalista, é premente.

Caso a relação da humanidade com natureza não for harmônica, o que o dinheiro não poderá comprar daqui a poucos séculos? A resposta desta requer a sabedoria dos mais velhos. “Como os nossos mais velhos sempre falam, um dia vai chegar em que vão torcer esse dinheiro e verão que dele não sai uma gota d’água, vão abanar o dinheiro e verão que não sai ar puro para eles respirarem. Hoje a nossa luta vem nisso” (Djekupe, 2022, p. 2). Essa luta não deve ou, pelo menos, não deveria ser apenas da minoria, mas da maioria, pois, duvida-se se há um

ser humano que consegue viver anos sem água. Ressalta-se que “somos piores que a Covid-19. Esse pacote chamado de humanidade vai sendo deslocado de maneira absoluta desse organismo que é a Terra, vivendo numa abstração civilizatória que suprime a diversidade, nega a pluralidade das formas de vida, de existência e de hábitos" (Krenak, 2019, p.7).

A preocupação em desenvolver e sempre desenvolver, sobretudo as atividades econômicas — agricultura industrial, que exige muita água para irrigação, monocultura — cria uma enorme distância entre segmentos sociais, à medida que, em nome de produzir economicamente para suprir necessidades básicas, suprimiu-se e ainda suprime diferentes vidas, inclusive, humana. Na medida que o tempo passa, essas práticas de supressão de vida passam a ganhar *vistos de livre circulação global*. Sendo que qualquer pessoa que já o detém, torna-se influenciador/a, admirado/a por muitos. Em outras palavras, o fenômeno da globalização que, na menor das hipóteses, procura, por toda parte, abalar, sequestrar, influenciar culturas outras. E, na melhor das hipóteses, empacota a diversidade e faz tudo por tudo para aniquilá-la, especialmente sociocultural. Trata-se de impor as práticas socioculturais ocidentais a todas comunidades além do Ocidente. Práticas como viver guarnecido de grandes murais em nome de segurança, evitando, no máximo, o contato com quem lhe difere, invés de acolhe-lo, como é vista na cultura dos manjacos da Guiné-Bissau, particularmente de *Canhuab*.

Após atividades humanas terem levado o planeta terra à fragilidade, doravante, procura-se tirá-lo desse mal. É neste momento que a articulação entre diferentes modos de vida se faz mais necessário. Atividades como agressão ao meio ambiente, pecuário, entre outras, possuem um alto potencial poder enfraquecedor. “Além disso, como esquecer o desmatamento intensivo, os mega-incêndios e a destruição de ecossistemas, a ação nefasta das empresas que poluem e destroem a biodiversidade [...]” (Mbembe, 2020, p.4). Neste quesito, a união de diferentes saberes, como os tradicionais e os científicos, buscando, em conjunto, a reintegração com a natureza podem ser úteis para solucionar problemas ambientais. Do contrário, “[...]a humanidade vai sendo descolada de uma maneira tão absoluta desse organismo que é a terra” (Krenak, 2019, p.12).

O projeto da modernidade tem buscado universalizar tudo quanto existe, desde a forma de conceber o cosmos até nas suas mais distintas interpretações possíveis. Nisto, diante de um mundo de múltiplas culturas, portanto múltiplas visões, ou seja, todas sociedades humanas podem olhar para um só corpo interligado, neste caso, natureza, e apresentar múltiplos pontos de vista a respeito desse mesmo corpo. Por que isso acontece? Justamente por sermos diferentes e que, por isso, ao estarmos em contato com o mundo, somos afetados de modo diferente. Logo é inevitável não produzir compreensões variadas. “E se assim não for é porque nunca

aprendemos a viver com o que é vivo, a preocuparmo-nos verdadeiramente com os danos causados pelo homem nos pulmões da Terra e no seu organismo” (Mbembe, 2020, p.5).

Entretanto, essa compreensão escapou dos arranjos da modernização. Assim “a modernização jogou essa gente do campo e da floresta para viver em favelas e em periferias, para virar mão de obra em centros urbanos” (Krenak, 2019, p.9). Tudo isso foi acontecendo e justificado pela necessidade de harmonizar a humanidade, o que, de certo modo, acaba por empacotá-la, como se fosse um biscoito. Ou seja, o projeto moderno tentou eliminar todos os espaços nos quais cabiam e cabem múltiplas indagações e explicações possíveis. De fato, “nas sociedades tradicionais havia espaço para inúmeras interpretações e possibilidades. Na nossa cabe apenas um modo de ver e de expressar o que se vê” (Gaffo, 2019, p. 39). Disto, é razoável afirmar que a humanidade está a decair-se sem precedentes à medida que a diferença incomoda muita a gente muito mais que uma doença crônica.

A harmonização sugerida pela modernidade é oposta ao que podia ou (devia) ser, pois tenta esconder do mundo não Ocidental seu potencial poder destrutivo em tudo que se pode imaginar. Visto que “graças a sua flexibilidade e expansividade recentemente adquiridas, o tempo moderno se tornou, antes e acima de tudo, a arma na conquista do espaço” (Bauman, 2001, p.13). Desta forma, desterritorialização de pessoas é um entre vários exemplos. Nas palavras do pensador indígena Krenak (2019, p.9) “essas pessoas foram arrancadas de seus coletivos, de seus lugares de origem, e jogadas nesse liquidificador chamado humanidade.” Até onde se sabe, um liquidificador só pode funcionar bem com algo líquido ou que tenha alguma umidade. Talvez ele não seja capaz de liquidificar algo sólido, como uma pedra, a exemplo.

Mesmo assim, a modernidade avançou com suas tecnologias de tentar a todo custo fazer com que tudo seja passível de liquidificar, permitindo, assim, desaparecer a heterogeneidade em função da homogeneidade, fortemente desejada. A homogeneidade caracterizada por liquidez, assim “manter os fluidos em uma forma requer muita atenção, vigilância constante e esforço perpétuo — e mesmo assim o sucesso do esforço é tudo menos inevitável” (Bauman, 2001, p.12). Nisto, precisa-se de conter o atual avanço de relações líquidas, construindo, assim, as sólidas, do contrário, a natureza não terá mais sentido. Conclui-se que,

[...] a desintegração social é tanto uma condição quanto um resultado da nova técnica do poder, que tem como ferramentas principais o desengajamento e a arte da fuga. Para que o poder tenha liberdade de fluir, o mundo deve estar livre de cercas, barreiras, fronteiras fortificadas e barricadas. Qualquer rede densa de laços sociais, e em particular uma que esteja territorialmente enraizada, é um obstáculo a ser eliminado (Bauman, 2001. p.18).

A modernidade tenta encontrar a unidade na diferença, assim como a homogeneidade na heterogeneidade, em distintas esferas da vida humana, por exemplo, sociocultural, ideológica, religiosa e econômica. Desse modo, como vimos em Krenak, a ideia de liquidificador segundo a qual o Ocidente pretende eliminar a diferença em função da homogeneização e do desenvolvimento. Isso tem impactado de forma negativa o meio ambiente e a relação, por exemplo, da população indígena com a biodiversidade. Nisto, o autor nos leva a dialogar com o pensador polonês, a fim de entendermos as líquidas relações humanas e suas repercussões no seio social e ambiental.

Com efeito, o sociólogo e filósofo polonês, Zigmunt Bauman, ao analisar relações sociais, a partir da era moderna, compreendeu que a modernidade dividiu-se em duas partes: sólida e líquida. Criticou veementemente a forma segundo a qual a época moderna, particularmente na sua fase líquida, fragilizou/fragiliza relações, especialmente sociais. Importa-se expor como nasceu a modernidade. “A modernidade nasceu sob as estrelas da aceleração e da conquista de terras, e essas estrelas formam uma constelação que contém toda a informação sobre seu caráter, conduta e destino” (Bauman, 2001, p. 103, 105). Obviamente, seu pensamento nos ajuda a compreender a nossa realidade social atual, tal como as influências do capitalismo nos nossos modos de vida cotidiano. Para ele, “a modernidade “sólida” era uma era de engajamento mútuo. A modernidade “fluida” é a época do desengajamento, da fuga fácil e da perseguição inútil. Na modernidade “líquida” mandam os mais escapadiços, os que são livres para se mover de modo imperceptível” (Bauman, 2001, p. 103, 114).

O mundo moderno perdeu, para não dizer que nunca tenha capacidade de cultivar relações, especialmente intersociais sem a sua homogeneização. Em muitos dos seus arranjos, parece-nos que ele, em toda acepção do termo, é suficientemente intolerante a diferentes modos de pensar, olhar, examinar e interpretar os fenômenos. Isto é, na sua visão, tudo tem e deve estar sob suas aspirações idealmente projetadas e necessariamente impostas à toda comunidade humana. Assim, “não podiam imaginar um mundo sem torres e mesas de controle” (Bauman, 2001, p. 54).

A modernidade colocou tudo em movimento em que qualquer atraso pode acarretar o afastamento desse movimento no qual a humanidade é submetida. Por outras palavras, atualizações, reformulações e inovações de artigos de consumos, sendo eles de uso descartável ou de um prazo pouco maior, tornam o movimento ainda mais intenso e extenso. É intenso, porque os desejos humanos de sempre experimentar coisas novas, parecem-nos insaciáveis. E, é extenso porque, notadamente, os padrões de vida moderna sempre exigem acúmulo, de tudo que se pode imaginar, menos de solidariedade. Efetivamente, “a velocidade de movimento se

tornou um fator importante, talvez o principal, da estratificação social e da hierarquia da dominação” (Bauman, 2001, p. 142).

Afinal, em cada artigo produzido, geralmente, já vem com prazo de validade. É isso que dá manutenção ao movimento, onde cada indivíduo é apresentado cardápios de infinitas possibilidades de escolhas, sem perder a noção de tempo. É mais ou menos estar num elevador de constante movimentação, onde os utentes têm pouca ou nenhuma influência em relação a diminuir ou aumentar a velocidade. Afinal de contas, tudo está programado, resta apenas obedecer. Isto tem sua aplicação prática social, visto que as minorias estão sendo induzidas a seguir coercitivamente ou não os moldes de maioria populacional, neste caso, a sociedade capitalista. Assim,

A capacidade de conviver com a diferença, sem falar na capacidade de gostar dessa vida e beneficiar-se dela, não é fácil de adquirir e não se faz sozinha. Essa capacidade é uma arte que, como toda arte, requer estudo e exercício. A incapacidade de enfrentar a pluralidade de seres humanos e a ambivalência de todas as decisões classificatórias, ao contrário, se autoperpetuam e reforçam: quanto mais eficazes a tendência à homogeneidade e o esforço para eliminar a diferença, tanto mais difícil sentir-se à vontade em presença de estranhos, tanto mais ameaçadora a diferença e tanto mais intensa a ansiedade que ela gera (Bauman, 2001, p. 101).

A perda de capacidade de lidar com o outro, pode significar, entre tantas coisas, fraqueza biossocial ou simplesmente racionalidade negativa. A racionalidade negativa compreende todas formas de subestimação, de eliminação, de homogeneização, de padronização de estilos de vida inadvertidamente. Além disso, ela opera classificação entre classes sociais onde não deveria separar, separa paradoxalmente, coloca limites onde deveria colocar pontes e vice-versa. De fato, “estamos na era planetária; uma aventura comum conduz os seres humanos, onde quer que se encontrem. Estes devem reconhecer-se em sua humanidade comum e ao mesmo tempo reconhecer a diversidade cultural inerente a tudo que é humano” (Morin, 2000, p.47).

Evidentemente, a perspectiva cartesiana enaltece o ato de pensar, o do capitalismo; conquistar, sobretudo arena socioambiental e transformar tudo o que há em matérias precificáveis. As pessoas que conseguem escapar dessas precificações, terão que lutar arduamente para não serem sepultadas/cremadas vivas. Os sobreviventes da tragédia, se preferir, do rompimento da barragem de Brumadinho, no Brasil, em 2019, são obrigados a arcar com as consequências derivadas da apropriação da natureza por parte da empresa capitalista alemã *Tuv Sud*. Aqui sepultadas/cremadas vivas significam mortes lentas de minoria,

ocasionadas pelas desequilibradas distribuições de bens e consumo entre diferentes segmentos sociais.

Entre várias práticas nocivas causadas pela ação humana ao meio ambiente, já atingem planos quase que irreversíveis, como a poluição do ar, a contaminação dos corpos hídricos. Esta contaminação se deve, em grande medida, ao uso de substâncias químicas (Carson, 1962). Disto decorre em função de poluição do ar, por exemplo, doenças respiratórias, embora não sendo a única responsável pelas mesmas. Diante do exposto, parece-nos pertinente estabelecer um diálogo com os modos de vida de grupos minoritários, que é para conservar a biodiversidade.

Os modos de ser de grupos minoritários, nas suas mais altas expressões, merecem atenção especial, pois a sua alienação total aos modos de maioria (capitalismo) afundará as crises ecológicas vigentes. Não é da nossa pretensão eliminar quaisquer modos de vida, mas apelamos que haja espaços para cada um dos modos de viver, sem depreciação, subestimação e muito menos eliminá-los em detrimento de outros. A política universalizante, pretendida pela modernidade, tende a eliminar modos de vida, que não estão dentro do seu quadro referencial. De forma enfática, segundo essa visão, a pluralidade sociocultural deve ser minada em razão da unidade sociocultural, o que é insustentável. Por extensão, “a globalização parece ter mais sucesso em aumentar o vigor da inimizade e da luta intercomunal do que em promover a coexistência pacífica das comunidades” (Bauman, 2001, p. 178). Além disso, há, também, competitividade, particularmente no que diz respeito à realização individual, ter mansão, carros de luxo, são apenas alguns exemplos.

A concorrência é uma das expressões da era moderna, porque impulsionou o abandono, ainda que relativa, da solidariedade. A solidariedade é um dos traços socioculturais de grupos minoritários, especialmente do povo manjaco — mais especificamente de *Canhuab* —, da Guiné-Bissau. Para esse povo, a ausência da solidariedade denota decadência humana, portanto, a fraqueza vital. Por isso, em diferentes atividades, realizadas no seio social, as mais enaltecidas são as que contribuem para o bem não só de quem as fez/faz, mas de toda a comunidade. Nesta lógica, “é a cooperação que transforma os esforços diversos e dispersos em esforços produtivos” (Bauman, 2001, p. 154). Vamos a um exemplo concreto, nas aldeias do referido povo, nem todos têm condições econômicas de perfurar um poço de água, mas quando um ou uma integrante da comunidade o fizer, pelo feito, é profundamente agradecido/a pela comunidade, porque, do poço, toda a gente pode apanhar água para saciar sua sede.

Hoje em dia, verifica-se uma tamanha imprudência à causa comum. Mas há toda uma engenharia para sempre fazer perpetuar a causa individual. Nisto, era/é necessário criar regras de jogos, baseadas na competitividade e na meritocracia. A competitividade, em larga escala,

regula a transformação socioeconômica gerando, igualmente, desigualdade, sobretudo socioeconômica. “A competição pela sobrevivência certamente não é apenas o destino dos trabalhadores — ou, de maneira mais geral, de todos os que estão do lado que sofre a mudança da relação entre tempo e espaço” (Bauman, 2001, p. 117). Também ela gera o desgaste de recursos naturais, como petróleo. Adicionalmente, em nome da segurança, grandes potências mundiais gastam bilhões de dólares no sector de defesa. Lê-se,

Os países que lideram o ranking são Estados Unidos (US\$ 801 bilhões/R\$ 3,9 trilhões), China (US\$ 293 bilhões/R\$ 1,4 trilhão), Índia (US\$ 76,6 bilhões/R\$ 370 bilhões), Reino Unido (US\$ 68,4 bilhões/R\$ 333 bilhões) e Rússia (US\$ 65,9 bilhões/R\$321 bilhões), que juntos concentram 61,7% do total de US\$ 2.113 trilhões (cerca de R\$11,6 trilhões) (Mello, 2022).

Em razão disso, parece-nos razoável e urgente inverter a competição bilionária – investimento militar –, tornando-a solidária, cooperativa, harmônica, nomeadamente entre países desenvolvidos e os que ainda se encontram em processo de desenvolvimento, obviamente, sob a ótica Ocidental do termo. É semelhantemente razoável afirmar que a competitividade é necessária quando os resultados visam, por exemplo, reconhecer, compreender, respeitar, solidarizar-se com o próximo e abraçar a biodiversidade enquanto tal. A isso chamamos de competitividade socioecológica, que sempre busca harmonizar-se com o planeta Terra.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

De modo geral, observou-se o desequilíbrio, particularmente ecológico. Sendo que os atores capitalistas “espalham quase que o mesmo modelo de progresso que somos incentivados a entender como bem-estar no mundo todo” (Krenak, 2019, p.12). No nosso entender, o bem-estar passa necessariamente pelo intercâmbio de vários progressos, onde o acento tônico recai sobre a preservação da biodiversidade e a plena aceitação da natureza coexistencial. De forma mais ilustrativa, o ser humano não se torna mais humano em razão do desmatamento ambiental, pelo contrário, menos humano, pois coloca tanto a vida faunística quanto florística em perigo. Trata-se de valorizar mais a coexistencialidade, sem que haja alguma sobreposição. Na verdade, a vida de uma pessoa branca não é mais útil do que a de uma pessoa preta e vice-versa. Portanto, ambas são dignas de tratamento isonômico.

Geralmente é por meio de encontro que, por exemplo, duas diferentes culturas influenciam-se, o que não é necessariamente anulação de uma em detrimento doutra. Assim, sem que a influência de uma torne-se fatal para aniquilação doutra, como é projetada pela modernidade, que sempre buscou homogeneizar variadas culturas e reduzir a biodiversidade. Diante disso, entende-se a compreensão daquilo que é diverso não requer ou não deveria requerer a exterminação de qualquer forma de vida ou, ainda, de qualquer diferença.

Krenak, para quem tudo é Natureza, sendo que todas as suas partes estão em interações constantes. Na nossa visão, entendemos que a modernidade forjou limites e impõe barreiras nos lugares inapropriados (entre o universo humano e o não-humano). Assim, apresenta-se as rearticulações das três ecologias, a perspectiva triádica do ser, tal como modos de vida de grupos minoritários como alternativas rumo a um mundo ecologicamente e socialmente equilibrado.

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.

BELLESA, Mauro. O centenário de Edgar Morin, o humanista que articula saberes. Instituto de estudos avançados da universidade de São Paulo, 2021. Disponível em: <http://www.iea.usp.br/noticias/edgamorin-100anos#:~:text=Morin%20%C3%A9%20autor%20de%20cerca,estudo%20de%20sistemas%20biol%C3%B3gicos%20complexos>. Acesso em: 03 nov. 2023.

CARSON. Rachel. **Primavera Silenciosa**. Tradução: Raul de Polillo. – 2ª ed. – São Paulo, Ed. Melhoramentos, 1962.

DIEGUES, Antonio Carlos (Org.). **Os saberes tradicionais e a biodiversidade no Brasil**. São Paulo: MMA/COBIO/NUPAUB/USP, 2000. 211 p.

DJEKUPE, Thiago Henrique Karai. "Nós queremos não só morar, mas preservar". [Pib.socioambiental.org/pt/](http://pib.socioambiental.org/pt/), 2017. Disponível em: [https://pib.socioambiental.org/pt/"Nós queremos não só morar, mas preservar"](https://pib.socioambiental.org/pt/) Acesso em 5 ago. 2023.

GAFFO, Leandro. Paisagem e representação: ampliando horizontes da abordagem biogeográfica. In: **Cartografia biogeográfica e da paisagem** [recurso eletrônico]: volume I /organizadores Eduardo Salinas Chávez, Leonice Seolin Dias. 1.ed. - Tupã: ANAP, 2019.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Tradução Maria Cristina F. Bittencourt. — Campinas, SP: Papyrus, 1990.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do Mundo**. São Paulo, Companhia das Letras, 2019.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica** - 5. ed. - São Paulo: Atlas 2003. Bibliografia ISBN 85-224-3397-6.

LE GRANGE, Lesley. Ubuntu/Botho como uma ecofilosofia e ecosofia. Tradução para uso didático de LE GRANGE, Lesley. Ubuntu/Botho as Ecophilosophy and Ecosophy. *Journal of Human Ecology*, 49(3), 2015, p. 301-308., por Leonardo da Silva Barbosa.

MAES, Jessica. Entenda o Antropoceno, a época geológica marcada pelos humanos. *Folha de São Paulo*, 2023. Disponível: <https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2023/07/entenda-o-antropoceno-a-epoca-geologica-marcada-pelos-humanos.shtml>: Acesso em: 02 nov. 2023.

MBEMBE, Achille. O direito universal à respiração. Tradução: Mariana Pinto dos Santos e Marta Lança - Instituto Humanitas Unisinos – IHU, 2020.

MEDEIROS, Rozélia de. Socioambiental. Infraestruturameioambiente, *sp.gov.br*, 2022. Disponível em: <https://www.infraestruturameioambiente.sp.gov.br/educacaoambiental/prateleira-ambiental/socioambiental/>. Acesso em: 10 nov. 2023

MELLO, Michele de. Gasto militar mundial bate recorde e supera US\$ 2 trilhões em 2021, aponta relatório. *Brasildefato.com.br*, 2022. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/04/25/gasto-militar-mundial-bate-recorde-e-supera-us-2-trilhoes-em-2021-aponta-relatorio> . Acesso em: 20 set. 2023.

MORIN, Edgar, 1921- **Os sete saberes necessários à educação do futuro** / Edgar Morin ; tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya ; revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. – 2. ed. – São Paulo : Cortez ; Brasília, DF : UNESCO, 2000.

MORIN, Edgar. **Introdução ao Pensamento Complexo**. Tradução do francês: Eliane Lisboa - Porto Alegre: Ed. Sulina, 2005.

ODUM, Eugene Pleasants. **Fundamentos de Ecologia**. 6ª.ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, [2001]. 927 p. ISBN 972310158X (broch.).

ONU NEWS: Perspectiva Global Reportagens Humanas. Guterres: mundo precisa superar sistemas alimentares falidos. *Nações Unidas*, 2023. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2023/07/1817987>. Acesso em: 12 set. 2023.

RAMOSE, Mogobe B. African Philosophy through Ubuntu. Harare: Mond Books, 1999, p. 49-66. Tradução para uso didático por Arnaldo Vasconcellos.